

LUCAS CASSULE | ECLEU AMBRÓSIO

# *A árvore do* **SOBA**

CONTO



#ésobrenós  
EDITORA

LUCAS CASSULE E ECLEU AMBRÓSIO

*A árvore do*  
**SOBA**

©Lucas Cassule e Ecleu Ambrósio, 2021

Título: A árvore do soba

Autores: Lucas Cassule e Ecleu Ambrósio

Contactos para palestra, seminário e workshop

E-mail: geral@esobreler.ao

Tel: 919146296

**Edição e paginação**

Lucas Cassule

**Design de capa**

ésobrenós Editora

**Execução Gráfica**

ésobrenós Editora

**Revisão**

Victor Amorim Guerra | Alzira Simões

**Marketing e publicidade**

Alusapo | Julieta Nguenda | Lucas Cassule

**Conselho Editorial**

Victor Amorim Guerra | Elisabeth Lorena Alves | Youran Mendes

1ª Edição digital

ISBN: 978-989-53329-5-3

---

**ÉSOBRENÓS EDITORA**

Mutamba, R. Amílcar Cabral 170 - 1º, Apto. 3 | Luanda – Angola  
Zango I, Quarteirão F, R. 10 (paragem do parte-braço), casa nº 415.

É expressamente proibida a reprodução deste opúsculo, no todo ou em parte,  
seja por quaisquer meios sem autorização por escrito dos autores.

scrito do autor.

## ***ÍNDICE***

<b><i>Introdução</i></b> .....	<b>5</b>
<b><i>Dólar mágico</i></b> .....	<b>7</b>
<b><i>A árvore do Soba</i></b> .....	<b>19</b>
<b><i>Sobre os autores</i></b> .....	<b>29</b>

## ***INTRODUÇÃO***

Nascemos num lugar, onde se contam muitas histórias, na família e na comunidade, ao pé da mulemba ou ali no *sungi*, à volta de uma fogueira enorme. Fazemos, porque amamos e queremos transmitir esse legado ao mundo. É claro que, na maioria das vezes, estamos a fazer um exercício de escrita para aprimorar as nossas técnicas. Queremos que vocês façam parte disso, do nosso crescimento, da nossa aprendizagem e acima de tudo, que conheçam as coisas que vimos e ouvimos nos lugares, onde estamos ou por onde passamos. Esses são os nossos votos!

Os Autores



## **DÓLAR MÁGICO**

DENTRO DO TÁXI, em marcha, pensei no estado da minha filha que se encontrava hospitalizada, há três dias. Malária, disse o médico. No segundo dia chamaram-nos com urgência: senhor Nguxi, transfusão de sangue, precisa-se de doação de sangue imediatamente, era isso ou perdíamos a Dora, a nossa primogénita.

Com todas estas manobras, hospital, medicamentos, eu fiquei sem dinheiro. Por sorte, o salário caiu ontem mesmo, soube graças ao Henriques que ligou-me a avisar. Até parece que o patrão adivinhou que eu estava no limiar da pobreza, zerado. Em condições normais, recebíamos o ordenado no dia quarenta. Foi o patrão ou Deus? Um milagre, quem sabe.

Na vila de Cacuaco havia dinheiro num dos bancos, aquele com a bandeira amarela do optimismo, que fica logo à entrada da rua, ao pé da Igreja Católica, e claro, conforme minha premonição, estava lotado, como era de se esperar. Aproximei-me às pessoas, um pouco mais abaixo onde a fila terminava e perguntei pelo último.

— Aquele moço ali, de vermelho — respondeu uma senhora gordinha, toda ensonada e amarrada, parecia zangada com as quedas da vida.

— Moço, bom dia. Disseram-me que é o último da fila. Estou atrás de si.

— Não mano, não sou o último. Tem mais sete pessoas atrás de mim. Aqueles jovens que estão ali sentados e duas à frente de mim, foram ali comprar alguma coisa. Olha, o último é aquele que está a acenar para si.

— Ok, tudo bem.

Acenei de volta para o jovem para confirmar que estaria a seguir a ele.

— Mas e ali naquele banco onde tem tantos ATMs, não há dinheiro? — perguntei ao meu camarada.

— Meu mano, girei todos os bancos aqui na Vila, este é o único que está a pagar. Até parece que se combinaram!

— Pois, sabemos como é essa gente. No fim do mês não fazem os devidos abastecimentos, são sádicos, adoram assistir ao sofrimento dos clientes.

O indivíduo acenou positivamente, concordara com as minhas palavras. E voltou a olhar para o serpentear da fila.

Precisei de duas horas para sacar mais de metade do meu ordenado, trinta mil kwanzas para ser mais preciso, tinha deixado ficar um valor aproximado de dezoito mil, era tudo o que auferia na fábrica de água onde trabalhava. Uma miséria para os dias de hoje, para aquilo que são as nossas necessidades frequentes e, o facto de a Sofia não estar a vender durante estes dias, torna tudo mais complicado. Já ouvi rumores sobre a baixa da cesta básica, espero que seja efectivo, que não sejam meras palavras nem leve um milénio para a efectivação.

Com o dinheiro ainda na mão, enquanto olhava para os detalhes no recibo, desci em direcção ao largo e virei à esquerda, na primeira esquina, ali em direcção ao supermercado.

— Minha kota! Minha kota, faz favorre!

Fiquei confuso, ao ouvir a voz, o homem insistia, num português com um sotaque forte. Eram dois e estavam encostados ao pé de uma roulotte de metal.

— Quem, eu? — Virei para trás e para o lado, não estava certo se o chamado era meu.

— Vucê memo, minha kota, tô te chamarre!

Devo ir? Talvez estejam a precisar de ajuda, também a estas horas, com esta gente toda, ninguém há-de me fazer mal. Enfiei o dinheiro no bolso, caminhei até eles, fiquei parado alguns metros, só para prevenir.

— Bom dia minha kota! Eu pedirre discurpa, o minha prima chegarre ontem da Congo, no falarre português, só lingala e francês.

O dito primo acenou-me com as mãos e sorriu, um sorriso branco, eu fiz o mesmo, uma espécie de código de cumprimento para os que não dominam o mesmo idioma nem se conhecem.

— Qual é o seu nome?

— Eu serre Papi.

— E o seu primo?

— Pierre Kangala.

O primo era visivelmente mais velho do tradutor, acima

dos quarenta, magro e alto, 1.80 de altura mais ou menos, tinha a pele clara e amarelada, as barbas eram fartas. O que se chamava Papi tinha a barba aparada, cabelo arrumado e usava um casaco de lona preto. Os dois usavam calças jeans igualmente surradas.

— Sim, por favor, digam-me o que precisam, estou com alguma pressa.

— Ah, ó minha chefe, nós terre medo de falarr assim. Primerro quereremo saber se eu e minha irmão pode confiarre em ti.

— Ah, então tudo bem. Preciso ir embora, porque não há como confiarem em mim, vocês não me conhecem de lugar nenhum e eu idem, não vos conheço.

Ao tentar me afastar — apenas fingi me afastar, porque, para ser sincero, estava curioso para ouvir o assunto — eles voltaram a chamar, e ouvi o moço que não dominava a língua de Camões murmurar algumas palavras.

— Ah! Minha kota, discurpa. Minha irmão ficarre zangada comigo, falarre que eu te tratarre male. Ele dizer que vucê parece pessoa do confiance. Nos juda, amiga.

— Bom, o que vocês precisam?

— Nós desejarre troca mile dolarre, mas no confiarr nos kinguilas. Minha irmão precisarre de comprarre negoço para levarre no Kinshasa.

— Mil dólares? Nesta fase? É bué de kwanzas. E qual é a vossa desconfiança?

— Ah! Amiga, saberre que Kinguila trabalharre cos bandida. Por isso te chamarre, nós vai se esconderre aqui e

depois pessoa nu verre quem trocarre dinerro.

— Ah, querem que eu vá ter com a kínguila para trocar o vosso dinheiro?

— Oui! — Os dois gritaram, afirmativamente, em unísono.

— E quanto ganho eu com isso?

— Amiga, vucê ficarre co... — Papi parou um pouco e olhou para o primo, este exibiu dois dedos com a mão direita — duzenta dolarre! — concluiu.

— Duzentos? Então eu vou trazer apenas dinheiro de oitocentos dólares, certo?

Os dois menearam a cabeça afirmativamente.

— E onde está o dinheiro?

A pedido deles, demos a volta à roulotte, fugindo dos olhos gordos das pessoas, que circulavam ao lado. Ali, o que não falava bem o português, o tal dito Pierre, puxou do sovaco um envelope pequeno, abriu-o numa das extremidades e mostrou-me as notas verdes, torradas, em valores de cem cada.

— Est-ce que tu veux compt er l'argent? — Pierre fuzilou e fitou-me, à espera de resposta.

— Diga? — questioneei.

— Minha irmão preguntarr se precisa contarre o dinerro, amiga?

— Tem quantas notas?

— Dez nota, amiga.

— Tudo bem, pode dar assim com o envelope, vou contar lá no local.

Pierre entregou o envelope ao Papi e este estendeu as mãos para me entregar, até ser interrompido pelo primo. Que o puxou nas mãos e confiou-lhe algumas palavras.

— Amiga.

— Sim, qual é o problema desta vez?

— Minha primo falarre que no poderre intregarre assim a envelope, sem nenhum garantia.

— Garantia? E o que vocês querem como garantia para segurar os mil dólares? Eu não tenho nada que vale ao menos metade disso!

Os dois primos afastaram-se de novo e começaram a conversar em lingala, alternando ora em francês, ora em lingala. Pelos gestos e pelo tom, um parecia hesitante com a transacção, Pierre, mas o Papi insistia e o fazia entender que valia a pena prosseguir. Depois de poucos minutos de discussão, os dois voltaram a aproximar-se.

— Amiga, deixarre connosco cinquenta mil kwanza do garrantia — É o Papi quem sugere.

— Cinquenta mil? Impossível! Não tenho dinheiro que chegue a este valor.

— Então amiga, discurpa, no vai darre parra to darre a envelope.

Os dois voltaram a afastar-se de mim, dando mesmo as costas, como se estivessem à procura de outra pessoa, facto que me pôs a reflectir: vou perder mesmo esta fezada? Nem pensar! Duzentos dólares a essa altura resolveria todos os meus problemas!

— Moço! Papi?

— Sim, fala, amiga. Vucê fala nós ouvirr.

— Tenho comigo trinta mil kwanzas. Serve de garantia?

— Ah, amiga! Omentarre mais lá cinco mile.

— Não tenho mais cinco, é tudo o que acabei de tirar do banco.

Papi olhou para o primo e este sussurrou-lhe outra palavra em lingala. Eu não entendo lingala, mas pela articulação das palavras consigo muito bem diferenciar este do francês.

— Amiga, deixarre também sua telefono, juntamente com a dinerro.

Bom, o meu telefone custa menos de vinte e cinco mil, obviamente me interessa mais ter as minhas duas cabeças grandes. Foi o que pensei.

— Está bem, amigo. Eu deixo ficar também o telemóvel.

Um pouco mais distante dali, bem ao pé do pátio da Igreja, havia duas kinguilas, outra senhora vendia cartões de saldo, uma outra espalhava os livros religiosos e produtos como missangas, medalhas sobre uma bancada de madeira. Era o início de mais uma jornada para quem depende das vendas.

Com o envelope disfarçado no meu bolso, caminhei a passos lentos e, ao mesmo tempo, controlava o movimento das pessoas. Não queria nada que levantasse suspeitas no momento da transacção, principalmente após receber o valor em kwanzas, seria um tanto volumoso. Imagina ser assaltado com dinheiro que nem era meu? Até tinha decidido que numa primeira fase, trocaria somente a par-

te deles. Os duzentos destinados a mim iria conservá-los em notas.

— Bom dia, mamã!

— Bom dia, meu filho! Posso ajudar?

A senhora levantou-se e sacudiu um pequeno molho de dinheiro, enrolado com fitas elásticas. Depois ajustou o pano na cintura.

— Tens troco para oitocentos dólares?

— Oitocentos? Espera deixa-me ver aqui na minha bolsa.

Ficou um tempo a contar os maços que estavam no avental e disse em poucos segundos: — Chega seiscentos, vou pedir pelo menos duzentos à mana Nfinda. Mana, tens alguma coisa para duzentos?

Voltou-se para a outra senhora e perguntou com a voz muito fraca.

— Tenho sim, mana Jóia.

— Pronto, onde estão as notas, meu filho? Precisamos nos afastar um pouco daqui.

A mamoiite levantou-se juntamente com a outra senhora e arrastaram-me até à esquina, ao fim da parede, uma zona com menos visibilidade para o público, um bom lugar para a negociação. Retirei o envelope e o confiei à senhora, mas com os olhos bem atentos para não ser enganado, nem me dei ao luxo de piscar.

— Desculpe, dê-me só o envelope, preciso separar algum valor.

Mal ela tinha aberto o envelope voltou a entregar-me. Abri então o mesmo, pela mesma extremidade rasgada, separei a ponta de duas notas e tentei puxá-los daquele pacote. As notas pareciam amarradas ou presas.

Deve ser elástico, foi o que me ocorreu na primeira instância. Rasguei então o bendito envelope.

A minha primeira reacção foi olhar para o lugar onde tinha deixado aqueles dois camaradas, Papier e Pierry, ou sei lá como eles disseram que se chamavam. De longe não os via. Saí dali a correr, sem dizer uma única palavra. Não os encontrei no lugar onde os deixei, nem ali e muito menos nas proximidades. Só sei que corria de um lado para outro como um louco. Chegava numa ponta, perguntava por eles, explicava as feições dos dois e as roupas que usavam, só para ver se por algum motivo, alguma sorte, alguém os tinha visto. Nada.

Voltei várias vezes às senhoras, onde tinha deixado o envelope, olhei várias vezes para aquele envelope e para o que lá havia.

— Foste enganado, meu filho. Sofreste uma burla. Quanto mesmo é que eles te pediram?

Nem forças para responder tinha. Levava as mãos à cabeça, rodopiava e gritava sobressaltado. Meu Deus, é o meu dia de azar! Tinha o corpo todo suado e a boca ficou imediatamente amarga. Fiquei a girar por várias horas, enlouquecido, perdido. Depois de ficar tão desesperado, comecei a gritar de um lado para outro, freneticamente: meu Deus! Meu Deus! Por quê eu?! Havia pessoas ao redor, estes acompanhavam os meus movimentos, uns xingavam, outros riam da minha desgraça.

— Quería dinheiro fácil, só assustou já está!

— Mas bem mais velho mesmo é para lhe mentirem com notas de um dólar e ainda por cima cortadas, metade dinheiro outra metade papel? É burro, até parece aquele jogo de caixa de fósforos na praça do Kicoló!

— Xeh, não brinca com os langas, ouviste! Estes são mágicos! Esse dólar é mágico. O kota foi bem hipnotizado!

— E quem disse que é langa?

— Foi ele mesmo que falou, disse que eram dois e tinham os rostos claros, acho que usavam mekako.

Todos falavam, eu ouvia, mas não podia sentir as palavras, as ouvia como vulto, como burburinhos, enquanto jazia parado, a pensar no que fazer. Às vezes, arrastava os passos, cambaleante. Olhava à volta, sentava, levantava. Sentava outra vez.

Será que devo ir à polícia?

Fazia indagações, pensava nas burocracias e formulava possíveis respostas. Estava perdido.

Eram quase catorze horas, via-se através do sol. Com lágrimas nos olhos, visão turva, a mente bloqueada de tanto pensar, estava eu a subir o bairro Balumuka. Caminhava, sequer me dei ao trabalho de apanhar um táxi, eu merecia o castigo de percorrer o deserto, quarenta dias e quarenta noites de fome e sede. Eu, mas a minha família não. Se voltei ao banco para retirar o resto do ordenado? Nem isso me ocorreu. Subia e pensava em tudo e me culpava por ser ingénuo.

O que direi à Sofia? Como vou encarar o rosto da minha filha tão frágil e cheia de necessidades? Os pés doem-me, a alma dói, tudo dói na verdade, mas eu continuo

a marcha. Mereço o castigo por ser fraco, corruptível e imediatista!

**Lucas Cassule**

Luanda, 01/06/2021

@lucascassule.ao



## **A ÁRVORE DO SOBA**

KINO ENCONTRAVA-SE A dormir na sombra da figueira no quintal de casa. Tinha despachado todo o serviço doméstico que lhe cabia e programou descansar o dia todo, mas era impossível repousar o corpo perante a época de férias que se vivenciava. Sabia ele que a qualquer instante os seus amigos iriam adentrar a sua casa e criar uma grande balbúrdia.

\*\*\*

Eles viram-se obrigados a exercitar as pernas porque foram infelizes ao tentar escapar da casa de Kino sem que Belita, irmã mais velha do rapaz, os avistasse. Minguito, baixinho com corpo avantajado, tropeçou no portão e despertou a atenção da rapariga que escaldava na frigideira o peixe destinado ao almoço.

Os peitos duros, graúdos e aguçados da jovem, denunciavam a sua presença no quintal, motivo este que influenciou na fuga impaciente por parte dos quatro companheiros para fora do recinto. Enquanto se iam afastando, Belita proferia palavras agressivas para Kino. Prometia-lhe surra e falta de comida no seu regresso. O menino magro, com incisivos iguais aos de uma lebre, corria sorrindo e não se importava com às falácias da irmã. Sabia o que tinha de fazer para corromper e humedecer as suas emoções.

“Vou passar na casa d’Ana Graça, pedirei um frasco de eco gel e trarei para Belita me perdoar”, planejou.

Ela recebera ordem dos pais para não deixar o irmão mais novo sair de casa naquele dia, pois o mesmo não fazia as tarefas da escola. Após o mata-bicho, saltitar de residência em residência à procura de distrações eram as suas prioridades, comportamento propício de criança.

— Essa Belita enfia o focinho onde não deve, mazé! — Buda resmungou. — Não pode nos deixar brincar em paz? Estamos de férias e podemos nos divertir sem interrupções!

Buda era o mais alto de todos, gostava de andar sempre com uma fisga ao pescoço, a sua pontaria era muito precisa. Muito precisa mesmo que quando estava com a geringonça na mão, nenhuma rola lhe escapava. Uma vez foram à mata caçar passarinhos e ninguém estava a acertar, bastou só Buda chegar que numa tentativa fuzilou dois. Daí o sonho certo de pertencer aos quadros da polícia nacional de Angola, almejava ser o melhor atirador.

Kino sentou numa pedra, suspirou profundamente e meneou a situação:

— Não lhe liguem. Belita é mesmo assim.

— O que vamos fazer hoje? — perguntou Pedro com as mãos nos joelhos recuperando o fôlego depois de muito correr.

— Ontem fomos brincar às escondidas na casa da Sabrina com a Kátia e a Ana. Hoje estou sem ideias — disse Minguito.

Pedro, o perverso, como era conhecido, lembrou de uma situação caricata que se passou na casa da Sabrina:

— Ontem nem conseguimos *ngombelar* as meninas, a única coisa que fizemos foi nos *cafununar*...

Todos gargalharam ao mesmo tempo e esqueceram-se do cansaço sugerido pela trapalhada na casa de Kino.

— Mas a Ana não me escapa — Pedro concluiu.

Os pupilos se entregaram em conversas abstratas durante muito tempo. O assunto foi-se dissipando e era chegada a hora de escolher a empreitada do dia.

De jogar a macaca estavam fartos, para o bica-bidão eram poucas pessoas e não estavam a fim de reunir muita gente, saltar à corda? Isso não, o único que perdia era Pedro em função da pouca capacidade de salto que possuía, corpo equilibrado, porém pesado como um elefante e quando metiam o “jindungo” ele reclamava logo, mas era nessa parte do jogo que estava centrada a diversão.

Surgiu então a ideia por parte de Buda de irem tirar frutas na árvore do soba Miala.

— Boa ideia, ninguém que eu conheça o fez — Kino concordou. O assunto atiçou logo a sua curiosidade, algo característico dele.

Pedro apoiou a decisão dos restantes, entretanto Minguito refutou categoricamente:

— Éh! Isso dará maka grande! Os vossos pais nunca vos falaram sobre os mistérios daquela árvore? Os que tentaram se aproximar e retirar dela um fruto, nunca

mais voltaram para as suas casas...

— Ah! Isso é *mujimbo*. Nunca acreditei nessas histórias, os mais velhos contam isso para nos assustar. Vocês conhecem alguém que tenha um familiar que passou por essa situação? — Alargou os ombros e disparou Buda.

— Eu não conheço e nunca me deparei com factos que comprovaram o sucedido — Pedro argumentou.

— Eu estou fora, vão vocês se quiserem!

Minguito abanou a cabeça e movimentou às mãos em gesto de negação, de seguida, pôs-se a caminho de casa.

Buda, não se conteve e berrou: — Foge mesmo, seu covarde gordo!

O menino confiante na decisão que tomara, jogou os braços para atrás e continuou a andar, sequer hesitou. Os outros seguiram o trilho que dava directamente para a casa do soba.

— Hoje vamos fazer história! — Murmuravam os três durante a caminhada.

Estavam à procura de algo novo para animar o dia e na primeira oportunidade que tiveram se lançaram a mais uma aventura, uma das muitas já desfrutadas.

Enquanto caminhavam, as ratazanas dançavam no capim ao ritmo dos cânticos desordenados dos passarinhos. Passado alguns minutos, já era possível visualizar a tão temida árvore. Era enorme e de boa aparência. Aproximaram-se e identificaram a espécie da planta. Uma mangueira bem cuidada, ao seu lado uma habitação construída de troncos e adobe se apresentava abandona-

da.

— Essa deve ser a casa do soba Miala — Cochi-chou Kino.

— É, pois. Tudo está sossegado, parece que ele não se encontra em casa o que é uma boa oportunidade para nós, vamos pegar numas mangas e sair voando daqui — Disse Buda, admirando a imensidão da árvore.

— Será que o velhote não anda por perto? — indagou Pedro. — É melhor fazermos uma vistoria em todo o redor.

Todos assentiram e cada um foi para uma direção diferente, de modo a fazerem uma melhor verificação do local.

— Não está cá ninguém, além de nós - Buda falou tirando a fisga do pescoço.

Kino reparou que o santuário ilustrava, no centro da porta, uma cabeça de palanca com chifres enormes e o seu corpo trepidou. Buda olhou para ele, segurou-lhe nos ombros, sorriu e disse:

— Estás com medo? Quem treme é folha!

No intuito de disfarçar o medo, Kino soltou um sorriso ténue e amortizou o rosto pálido.

— Não há nada a temer, Buda, eu sou o Kino o homem que nunca tem medo.

Pedro se limitava a observar, permanecia calmo, mas o seu coração estava a mil, os olhos percorriam cada milímetro da zona. Desejava ele que Buda utilizasse a fisga rápido para poder regressar a casa.

O sol estava no seu apogeu e os três aventureiros

puseram-se de plantão em frente a grande árvore. O suor percorria abundantemente o corpo de cada um. Tinham medo? As mãos trémulas indicavam ansiedade ou receio de seguir avante com a missão? Entretanto, a dúvida, naquele momento, não devia ser chamada, estavam no local e iriam terminar o que começaram.

“Vamos lá finalizar essa ideia estúpida”, cogitou Kino enquanto apanhava algumas pedras.

— Toma, segura essas pedras e com a tua fisga faz cair cinco mangas bem amarelas.

Buda engoliu em seco, recebeu as balas para carregar o revólver feito de tronco e retirou a arma grudada ao peito. Sem hesitar, puxou a borracha com muita força e disparou contra a fruta mais agradável aos seus olhos. E prontos. Mais uma vez a sua pontaria esteve acima da média, a manga caiu ao chão e um silêncio inundou o local.

Ouviam-se os batimentos cardíacos e a respiração ofegante dos meninos, os corpos permaneceram imóveis durante segundos. Observaram juntos o balançar da fruta na terra avermelhada. Apenas o zumbir dos bichinhos e insetos escondidos no capim aterrorizavam os tímpanos dos *monandengue*.

Alguns minutos depois a tensão baixou e Kino caminhou para apanhar o alimento suculento.

— Era tudo mito, viram? Aconteceu algu...

Sem que a fala do puto terminasse, viu o céu escurecer sem explicação, os olhos da palanca na porta ficaram vermelhos e uma voz rouca falou num tom ensurdecedor:

— Quem ousa tocar na minha árvore?!

O pânico se instalou naquele meio. Pedro com medo, viu-se obrigado a fugir, mas quando tentou correr um vulto saiu entre as narinas do animal e envolveu todo o seu corpo ao ponto de o fazer sucumbir.

Aquela que aparentava ser uma tarde divertida, transformou-se num dia desastroso e sombrio. Buda e Kino, ao verem tal acto, se desesperaram e lembraram de tudo o que os mais velhos contaram a respeito da árvore. O arrependimento os abraçou, a teimosia os colocara numa situação de vida ou morte.

Ao pé da árvore uma criatura se materializou instantaneamente, tinha o corpo de um gorila robusto. Era constituído por três cabeças humanas, das três, duas eram desconhecidas, mas a do meio... a do meio era de certeza a do Ndoki.

Disso não tinham dúvidas.

— Isso não é verdade! — Praguejou Kino.

— Não deveríamos vir aqui! O Pedro está morto e agora será a nossa vez! — Chorando, Buda lamentou.

O monstro começou a marcar passos lentos em direcção a eles. O seu corpo emanava um cheiro pútrido tão intenso que até as plantas murchavam na sua presença.

Buda jogou o corpo entre os arbustos e tentou fugir, mas de nada valeu. Apesar de ser grande, o bicho era muito rápido e conseguiu alcançá-lo. Ele tentou disparar pedras com a ajuda da fisga, porém o esforço foi inválido, lhe devoraram sem piedade e dificuldade alguma.

Agora era a vez de Kino que corria disperso na

densa mata. Como que por magia embateu directamente no peito do poderoso animal, este por sua vez arremessou o rapaz na imensidão do ar de uma forma hostil que o mesmo acabou por aterrar sangrando.

— A curiosidade matou o gato! — Disse a criatura com voz macabra. — Hoje morrerás, seu miserável!

O demónio levantou as mãos, libertou as garras e quando se preparava para exterminar a pobre presa, Kino despertou assustado do terrível pesadelo.

Suava apesar de estar a desfrutar do ameno vento na sombra da figueira. Ainda deitado, viu os amigos ultrapassarem o portão de casa. Conversavam bastante, entretanto, Kino permanecia confuso, parecia que estava a viver um déjà-vu.

Quando os companheiros sugeriram brincadeiras fora do quintal ele negou, receava passar pela situação inusitada ocorrida na utopia de seus pensamentos. Buda ainda insistiu, porém o rapaz permaneceu casmurro.

Ninguém percebeu a sua decisão. Era motivo de espanto, pois o *mona* adorava correr pelo bairro à procura de coisas novas para fazer. Talvez tivesse ele um motivo muito forte, concluíram os marujos. E tinha mesmo, entretanto não decidiu partilhar. Quiçá para não assustar os amigos? Quem sabe... cada um com suas escolhas. No final do dia, Kino no seu íntimo agradeceu por tudo ser apenas um sonho, um maldito sonho.

### **Ecleu Ambrósio**

Facebook: Ecleu Ambrósio

Instagram: @ecleuambrosio

Email: [ecleu2001@gmail.com](mailto:ecleu2001@gmail.com)





## ***SOBRE OS AUTORES***

### **LUCAS CASSULE**

Pseudónimo literário de Lucas Carlos João, nascido nos Dembos, Bengo, aos 6 de Julho de 1986, é licenciado em Engenharia Informática, Docente, Escritor e Editor.

Um exímio apaixonado por livros de assuntos diversos desde tenra idade e dedica alguma parte do seu tempo nos seus próprios escritos.

O autor escreve em prosa, poesia, crónicas, pensamentos e é particularmente fascinado por contos. Tem três livros publicados, dentre eles, **A vila assombrada pelos makixi**, **Afroerotismo em contos** e o último, **Karingana - 2 povos, 2 contos** publicado em conjunto com a escritora moçambicana Leya Langa. Tem ainda diversos contos publicados no seu blog e em e-books no portal [www.esobreler.ao](http://www.esobreler.ao). No final do Ano 2020 fundou a éso-brenós Editora com o objectivo de contribuir em grande escala para o crescimento literário angolano.



## ECLEU AMBRÓSIO

Ecleu Ambrósio é o pseudônimo literário de Ecleu De Jesus Ambrósio Albino, nascido no Cazenga, Hoji - Ya- Henda, Luanda, aos 22 de Março de 2001. É escritor e estudante de Biomedicina na faculdade Antônio Agostinho Neto (UAN).

O seu interesse pelos livros foi estimulado pela sua mãe, pessoa que venera, desde os primórdios da sua infância.

O autor escreve em prosa, poesia com destaque em contos e romances. Tem contos publicados na sua página oficial do Facebook.



De que vale um conto, um romance, um poema guardado na sua gaveta?

Publique com a *ésobrenós!*

E-mail: [geral@esobreler.ao](mailto:geral@esobreler.ao)

Contactos: +244 924 477 532 | 919 146 296